

## A migração no contexto da Belle Époque paraense: uma revisão da literatura recente

The migration in the context of Belle Époque paraense: a review of recent literature

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar\*

### Resumo

A migração para o Estado do Pará, no contexto da Belle Époque, constitui um importante fenômeno histórico-regional. Neste trabalho, que se caracteriza por ser uma revisão bibliográfica do tema, discorre-se sobre as características desse fenômeno, buscando identificar os roteiros, as experiências e o perfil dos indivíduos nesse processo. A partir da análise do conteúdo, metodologia e resultados obtidos por Marília Emmi, Cristina Cancela e Franciane Lacerda em suas respectivas pesquisas sobre os italianos, os portugueses e os cearenses que aportaram na região entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, conclui-se que sua relevância para a cartografia social da Amazônia não se resume apenas a fatores econômicos, mas também culturais e políticos. Assim, dá-se ênfase ao rico corpo documental e a profusão de análises realizadas pelas autoras no que diz respeito à condição do migrante nas localidades de destino, suas motivações para migrar, a viagem e o imaginário sobre a Amazônia.

**Palavras-chaves:** Migração; Pará; Belle Époque.

### Abstract

The migration to the state of Pará, in the context of Belle Époque, is an important historical-regional phenomenon. In this work, which is characterized by being a bibliographical revision of the theme, discourses over features of this phenomenon, trying to identify the itineraries, the experiences and profile of the individuals in this process. Stemming from the analysis of theoretical references, content, methodology and results of Marília Emmi, Cristina Cancela and Franciane Lacerda in their research on the Italians, the Portuguese and the Brazilians from the state of Ceará, who arrived in the region between the last decades of the nineteenth and early twentieth century concluded that its relevance to the Amazon social cartography is not just about the economic factors but also cultural and political issues. Thus, the emphasis is on the rich documental corpus and profusion of analyzes conducted by the authors, regarding to the condition of migrants in these destination locations, their motivations to migrate and the journey and the imaginary about Amazon.

**Keywords:** Migration; Pará; Belle Époque.

### Introdução

Na última década, os estudos sobre a Amazônia Oriental têm ocupado grande espaço no cenário acadêmico brasileiro, resultado do esforço cooperativo entre pesquisadores e universidades interessados em explorar sua diversidade étnica e

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cultura, Educação e Política (GICEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).

cultural, sendo destacados nos trabalhos mais recentes o processo de ocupação dessa região. Entre os estudos mais importantes estão os que se voltam para a migração, particularmente os de Cristina Donza Cancela (2006; 2009; 2012; CANCELA et. al., 2010; CANCELA; BARROSO, 2011), Marília Ferreira Emmi (2008; 2009) e Franciane Gama Lacerda (2006a; 2006b; 2010) que juntas reúnem o mais atualizado acervo historiográfico sobre a região.

Suas pesquisas têm se concentrado entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, no contexto que ficou conhecido como Belle Époque, contexto no qual um grande fluxo de migrantes, atraídos pelo crescimento econômico protagonizado pela extração de látex, aportou nos portos de Belém e Manaus em busca de melhores condições de vida e trabalho.

Apropriando-se de rico acervo documental, as autoras abordam não só a condição do migrante nas localidades de destino, mas também suas motivações para migrar, a viagem e o imaginário sobre a Amazônia. Marília Emmi procura dar conta dos poucos, mas com significativa influência, italianos que habitaram tantas as cidades como as colônias agrícolas criadas ainda no Império e mantidas no governo republicano. Cristina Cancela dá ênfase à presença de imigrantes portugueses na cidade de Belém. Por sua vez, Franciane Lacerda aborda a migração dos cearenses que, expulsos pelas secas do final do século XIX, buscavam na região paraense melhores condições de vida e de trabalho.

Esses trabalhos guardam em comum o distanciamento dos pesquisadores que têm na migração um mero expediente para análises economicistas (MARTINE, 1984; DURHAM, 1984; OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005). Pode-se afirmar, em linhas gerais, que essas pesquisas oferecem uma importante contribuição à desconstrução do imaginário acerca do migrante, historicamente visto como um aventureiro movido pela ganância da fortuna imediata. Desse modo, o objetivo deste ensaio é avaliar a contribuição desses personagens para a formação cultural da Amazônia Oriental, uma vez que, conforme poderá ser observado, a migração não se trata apenas de fenômeno demográfico, mas também de uma experiência em que milhares de pessoas largaram sua terra natal e se deslocaram em direção à Amazônia, levando na bagagem seus sonhos, valores e tradições.

### **A imigração italiana – Marília Ferreira Emmi**

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 1920), em 1920 os italianos constituíam quantitativamente a terceira nacionalidade europeia presente nos estados do Pará e do Amazonas, sendo suplantados apenas pelos portugueses e espanhóis. Assim, pensar a presença desse grupo no contexto amazônico, entre do fim do século XIX até às primeiras décadas do século XX, significa situar esse segmento no conjunto das correntes migratórias que se dirigiram para a região ao longo desse período, tendo como principal motivação a busca pelas riquezas decorrentes da exploração da borracha.

Esse dado foi explorado pela pesquisadora Marília Ferreira Emmi em **Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade**, livro que resulta de sua tese de doutoramento realizada junto ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA), em que procura demonstrar que o deslocamento de europeus para a Amazônia não só explica as motivações para a migração italiana como ajuda a reconstituir o processo de inserção desses indivíduos na cultura e economia local. Por meio de um minucioso trabalho de reconstrução histórica, Emmi delimita sua análise entre a chegada dos primeiros italianos, ainda no começo da exploração do látex, até sua decadência nos anos 20. Para isso, baseia-se em documentos históricos e estatísticos, além de entrevistas e depoimentos de descendentes de imigrantes.

Tal como Cancela e Lacerda, Emmi procura em seu trabalho retratar os dois eixos do processo de migração: o contexto de origem e o de chegada dos indivíduos; o que lhe aproxima das perspectivas teóricas de Klein (2000) e Osório (1978), cujo estudo da migração exige que se leve em conta a determinação tanto dos fatores que causam a expulsão quanto a atração dos indivíduos. A autora chega à conclusão de que a vinda de imigrantes italianos para a Amazônica coincidiu com o que Hobsbawm (1997) afirma ser “o contexto de reestruturação produtiva do capitalismo”, pois ao mesmo tempo em que a Amazônia possuía um déficit demográfico e estava vivendo uma forte expansão econômica, a Europa convivia com uma transição demográfica sem precedentes e um rápido progresso tecnológico que pressionava as zonas rurais e expulsava seus habitantes. Denominada “migração moderna”, conforme Cancela, a emigração europeia no final do século XIX foi condicionada também pelos avanços tecnológicos na área dos transportes e da comunicação, o que além de promover maior fluxo de ideias e de

conhecimentos, possibilitava a obtenção de informações sobre as condições de emprego e de acesso a terra nos países americanos.

O perfil dos imigrantes interessados em vir para a América revelava um grande contingente de jovens do sexo masculino, geralmente chefes de família ou solteiros que procuravam emprego temporário ou permanente, que depois de estabelecidos chamavam suas mulheres, filhos e amigos, que chegaram em várias levadas principalmente nas décadas de 1920 e 1930. O principal objetivo era acumular poupança e retornar a sua pátria para desfrutar de melhores condições de vida. Esse itinerário pode ser corroborado pelas pesquisas de Bassanezi (1996; 1998), Alvim (1986) Castiglioni e Colbari (2003), que ajudam a percorrer o minucioso trabalho de identificação da história social dos fluxos migratórios italianos.

Mesmo levando-se em conta a força das circunstâncias históricas e das condições socioeconômicas embutidas no processo que motivava a vinda desses imigrantes, há, segundo a autora, espaço para considerar que as decisões para emigrar passavam também por escolhas pessoais e familiares. Acerca disso, Emmi se apoia nas considerações de Sayad (1998) para o qual as migrações internacionais transoceânicas possuem uma dupla dimensão: de fato coletivo e itinerário individual. Em parte essa característica tem como consequência a produção de uma cultura migratória fundamentada em visões de mundo muito particulares, comum apenas a certas comunidades de origem onde os laços individuais e familiares variavam em condições distintas. Assim, os habitantes das regiões setentrional, central e meridional, do campo e da cidade, conviviam com representações acerca da migração que não deixam dúvidas sobre a existência de fluxos migratórios com características singulares. Sua existência é muito clara na obra de Emmi, o que a obriga a usar a expressão “migrações italianas” para demonstrar a heterogeneidade dos grupos que emigraram da Itália. Desse modo, vamos observar tanto a migração dirigida de italianos setentrionais e meridionais, geralmente formada por famílias de agricultores, para colônias agrícolas do nordeste paraense, quanto a migração espontânea, sobretudo de meridionais com algum grau de instrução e experiência operária, para as capitais ou para as cidades do baixo Amazonas.

Conicionados pela própria organização social do grupo em seu local de origem e por suas hierarquias sociais internas (intragrupos) e externas, esses migrantes desempenharam diferentes funções econômicas no local de destino, seja nos negócios familiares ou nas atividades profissionais. Em parte, as diferenciações entre essas funções se davam em razão das redes familiares formadas pelos primeiros migrantes

que aí se estabeleceram e que se reproduziam com a contínua chegada de parentes das mesmas regiões e províncias de origem. Desse modo, o desempenho das redes familiares, de amizade e de solidariedade e apoio mútuo de seus integrantes, tiveram importância definitiva no processo migratório e na adaptação interativa das famílias italianas na Amazônia.

O livro de Emmi é dividido em oito capítulos e em cada um deles o leitor tem a oportunidade de identificar, desde a partida da terra natal até a formação de associações de ajuda mútua, o percurso trilhado por milhares de italianos até se inserirem no contexto multiétnico da população amazônica. O leitor tem também a oportunidade de compreender as razões para o fracasso da continuidade do fluxo migratório de italianos, que não fora motivado apenas pela decadência do ciclo da borracha, mas também pela hostilidade da população local com esse grupo quando do advento do nazi-fascismo no continente europeu e os eventos que se seguiram naquele contexto.

### **A imigração Portuguesa – Cristina Cancela**

Prestigiada estudiosa da migração na passagem do século XIX e XX na Amazônia, Cristina Cancela é uma das historiadoras mais notáveis de sua geração. Suas pesquisas têm contribuído para o refinamento dos estudos sobre sociabilidade no contexto da Belle Époque amazônica. Em seu mais recente trabalho, **A Imigração Portuguesa no Pará**, essa característica salta aos olhos, pois se trata de uma obra didática, cuja leitura e densidade são mais suaves em comparação com trabalhos anteriores (CANCELA, 1997; 2006). Todavia, se admira quem pensa que essa característica torna o trabalho superficial, pueril ou uma fonte de estudos para neófitos.

Uma vez que se trata de publicação com foco editorial no currículo das instituições de ensino do Estado do Pará, a pesquisadora aproveita a oportunidade para se alinhar, mais que satisfatoriamente, ao projeto de atender a crescente demanda por trabalhos que divulguem a história das sociedades que contribuíram para a formação da região amazônica, alcançando, assim, os mais variados tipos de leitores, desde os estudantes mais curiosos aos pares acadêmicos mais exigentes. Mesmo suavizando a abordagem do tema sem desqualificar o conteúdo, a publicação do seu trabalho oportuniza uma leitura esclarecedora – e porque não dizer aprazível – do processo migratório que trouxe milhares de portugueses para a Amazônia.

Afinada com os principais estudos sobre o que se convencionou chamar “Emigração Moderna Portuguesa” (PEREIRA, 1981; PORTELA; NOBRE, 2001), Cancela divide o trabalho em nove sessões, que num plano geral podem ser resumidas em três partes: a) contextualização sócio-demográfica de Portugal e Belém no contexto do século XIX, com ênfase nos ciclos econômicos vividos pelas duas regiões; b) visão intimista do percurso migratório e estabelecimento dos portugueses que chegaram ao Pará; c) origem das redes de apoio e de manutenção dos laços sociais entre os portugueses que se instalaram em Belém e que se transformaram em importantes instituições da cidade.

Na primeira parte, Cancela aborda na tríade “Por que migrar?”, “A viagem” e “Por que o Pará os fatores determinantes para a imigração portuguesa. Adota como objeto de sua análise as consequências da Revolução Industrial para os trabalhadores do campo e artesãos de Portugal, um país que no auge da industrialização europeia ainda era eminentemente agrário e cuja população vivia do trabalho manual e familiar. A autora registra que o desemprego ocasionado pela entrada das máquinas afetava de forma diferente as populações do sul e do norte, estas últimas mais numerosas e ocupando uma região de relativa esterilidade para a agricultura cujo acesso a terra era determinado por regras de parentesco. Ensaia para essa análise uma breve discussão sobre as regras de herança sucessória existentes na Europa e tão bem estudadas por Bourdieu (1972; 2004). Afirma ela que, em meio a famílias numerosas e extensas, “apenas um filho recebia a terra para cultivar [...]” (CANCELA, 2012, p. 10), o que o obrigava aos outros filhos a trabalhar para o primogênito ou buscar alternativas de sobrevivência, isto é, abandonar a pátria em busca de trabalho e “fortuna”.

O sonho de melhorar de vida, no entanto, não fez da Amazônia a primeira alternativa para se “conquistar a América”. O destino mais certo da maioria dos emigrantes portugueses era o Rio de Janeiro. Foi somente com o aparecimento do navio a vapor e da tecnologia que encurtou a viagem e permitiu que os alimentos não se estragassem que o Pará passou a figurar nos planos de milhares de portugueses. Desse modo, Cancela dá atenção às condições sob as quais os imigrantes realizavam a travessia transatlântica, assim como as transformações vividas pela indústria náutica que chegou a encurtar uma viagem de navio de 62 para 22 ou até 18 dias! Em parte, o interesse dos portugueses pela Amazônia, especialmente as cidade de Manaus e Belém, foi impulsionada pela riqueza que o ciclo econômico da borracha permitiu à região.

A extração do látex e a renda gerada pela sua comercialização aqueceram diferentes setores da economia e contribuíram para o aparecimento de inúmeros postos de trabalho. Muitas dessas oportunidades de emprego eram publicadas em jornais. A autora adverte, no entanto, que o enriquecimento ficava concentrado nas mãos de poucos, sobretudo dos seringalistas, e que nem todos os portugueses que migravam conquistavam a fortuna desejada.

A segunda parte do livro procura responder a pergunta “Que portugueses migravam para o Pará?”. A autora dá ênfase ao perfil social dos emigrados nas seções “De vapores e cartas” e “Vivendo e casando no Pará”, onde demonstra que entre os portugueses que aqui chegaram predominavam os homens, sobretudo os jovens cuja influência dos pais levava-lhes a tentar a sorte trabalhando em firmas ou atuando como profissionais liberais a convite de algum amigo ou parente.

Cristina Cancela não abre mão de sua análise acerca das relações de gênero, o que lhe possibilita penetrar a intimidade e o pensamento dos personagens que percorriam o itinerário migratório. Por meio das cartas trocadas entre os imigrantes e suas famílias, a autora constata que as mulheres, sejam elas esposas, mães, irmãs ou vizinhas, ocupavam um papel fundamental, pois, se casadas, eram as responsáveis pela gestão do patrimônio que o marido deixava quando vinha na frente “arriscando a sorte”, ou, quando viúvas, assumiam a função de arrendatárias dos bens que os maridos possuíam e que teriam de vender após sua morte.

Uma vez que a migração levou ao aumento da proporção de homens portugueses solteiros, não era incomum ver muitos deles interessados em formar uma família. Muitos desses imigrantes encontravam no casamento uma alternativa para se integrar a sociedade de acolhida. Isso fez com que um em cada cinco casamentos registrados nas igrejas de Belém, no final do século XIX, envolvessem portugueses, ora com paraenses, ora com mulheres de outras nacionalidades.

Realizar o casamento em Belém ou trazer a família para nela habitar estreitava a relação dos portugueses com a cidade, mas ao mesmo tempo os unia em torno de sentimentos comuns que lhes permitiam reforçar a identidade lusitana e manter o vínculo com Portugal. Não por outra razão Cancela descreve na terceira parte de sua obra o surgimento das redes de apoio que posteriormente deram origem às “Associações portuguesas”, como a Sociedade Beneficente, o Grêmio Literário, a Liga Portuguesa de Repatriação e a Tuna Luso Comercial, e a importância dos jornais para a colônia portuguesa que aqui existia. Segundo a autora, tanto as instituições como os jornais

“[...] agregavam os indivíduos que viviam no Pará [...]”, dando-lhes visibilidade e oportunidade de “[...] trocarem informações sobre pessoas, lugares e acontecimentos.” (CANCELA, 2012, p. 33). Entre as muitas funções dessas instituições e meios de comunicação estava a de organizar e publicar eventos que reuniam compatriotas, como exposições, comemorações pelas conquistas marítimas de Portugal, festejos de santos, apresentações artísticas, que com o passar do tempo passaram a fazer parte do calendário e da cultura local.

A respeito da importância dos jornais portugueses, Cancela os considera o principal veículo de comunicação entre os imigrantes e sua terra natal, servindo-lhes de meio de divulgação das experiências portuguesas em solo paraense. Ter o aniversário, casamento, festa ou falecimento publicado em jornais como **Gazeta Oficial**, **O Lusitano**, **O Paraense** ou o **Diário do Gran-Pará** significava, em muitos casos, sinal de prestígio e a certeza de que estava se começando a fazer fortuna e ascender socialmente.

Cristina Cancela (2012) conclui seu trabalho analisando os portugueses que, tendo imigrado para o Brasil, fizeram fortuna e retornaram a Portugal. São os “Brasileiros de torna-viagem”, cidadãos portugueses que, embora ricos, não possuíam prestígio em seus vilarejos e para tal tiveram de comprar título de nobreza. Entre eles estavam o Visconde de São Domingos e o Barão de Monte Córdova, personagens ilustres que figuravam tanto na elite de Belém quanto na de Portugal.

Como se pode constatar, o livro **A Imigração Portuguesa no Pará** é um trabalho de inquestionável relevância para a compreensão da presença portuguesa na região e trata-se de uma enorme contribuição para os estudos sobre a amistosa relação existente entre os portugueses e a sociedade paraense.

### **A migração cearense – Franciane Gama Lacerda**

Conforme foi demonstrado por Wenstein (1993) e Sarges (2000), a Amazônia, entre o fim do século XIX e o início do século XX, viveu uma era de apogeu econômico, o que contribuiu para a atração de indivíduos dos mais diferentes lugares do Brasil e do mundo. Esse fenômeno, associado à reestruturação produtiva nos centros hegemônicos e a projetos de colonização iniciados no Império e que tiveram sua continuidade com a República, terminaram por implicar na constituição de novos espaços e, igualmente, o engendramento de novas experiências por parte dos migrantes.

Os nordestinos, em especial os cearenses, também foram afetados por esse fenômeno, uma vez que se tornaram a mão-de-obra preferida para os trabalhos nos seringais. Por essa razão, seus meios de sobrevivência, de lazer, de moradia, e até de elos familiares, muitas vezes incompreensíveis pelo poder público, por médicos higienistas, ávidos naquele momento por civilização e progresso, tornaram-se o tema do livro **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**, de Franciane Gama Lacerda.

Resultado de sua tese de doutoramento em História Social na Universidade de São Paulo, esse trabalho busca analisar as estratégias de sobrevivência dos migrantes cearenses, com ênfase nos relatos dos fatos cotidianos vividos em solos amazônicos chamando a atenção para os conflitos pela posse da terra, os laços familiares, as redes de solidariedade, os elementos constitutivos da identidade do grupo, as relações de trabalho, as relações com a terra de origem e, principalmente, os significados dados a antítese entre a cidade e a floresta. Para isso concentra nas cinco partes que compõem o livro o processo migratório entre o Estado do Ceará e o Estado do Pará, de maneira especial no período compreendido entre 1889 e 1916.

Com ênfase na noção de sobrevivência, Lacerda utiliza o conceito de experiência presente em Thompsom (1981) para compreender como homens e mulheres agem e pensam sob determinadas condições. Aborda, assim, a vida de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por meio da categoria experiência também podemos compreender o sentido, ainda que incerto, dado à visão sobre a sobrevivência que, no decorrer do livro, corresponde nas palavras da autora às estratégias encontradas pelos atores para seguir vivendo, física e socialmente falando.

A categoria experiência e a noção de sobrevivência tornam-se, portanto, as palavras-chave para compreendermos a obra de Lacerda, uma vez que constituem um ponto de junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir e da intervenção humanos. Ao entender a sobrevivência como componente não passivo de análise da realidade migratória, a autora reconhece que a experiência vivida, além de pensada, é também sentida pelos sujeitos.

Assim como em Cancela (2006) e Emmi (2008), esse entendimento é fundamental para a análise realizada por Lacerda, revelando a existência de um cenário no qual se compreende o fenômeno das migrações para além dos fatores econômicos. Seu trabalho, por outro lado, demonstra que o estudo das migrações internas é tão relevante quanto aqueles que analisam a imigração estrangeira para as regiões Sul e

Sudeste. Não é por outra razão que a própria Lacerda aproveita esse contexto para denunciar o que considera ser um descaso historiográfico, isto é, a carência de estudos sobre a migração cearense na região amazônica, embora tenha sido vital para o desenvolvimento da região.

Uma vez que analisa o período imediatamente posterior ao Império, cujas principais transformações estavam se dando no plano econômico com a chamada Belle Époque e no plano político com a proclamação da República, a autora discute também o projeto civilizatório levado a cabo pelas autoridades da época que viam na migração uma forma de civilizar a região amazônica. Isso fica claro nas observações da autora sobre os projetos de embelezamento e urbanização de Belém, nas preocupações com a higienização, a disciplina e o controle do espaço urbano, na construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança, e na preocupação particular com a produção agrícola, com a criação de núcleos coloniais e com o incentivo à vinda de imigrantes estrangeiros, tal qual se verificava em outros estados brasileiros. No entanto, Lacerda vê nesses projetos uma tentativa mal sucedida de implantar a modernidade na Amazônia, uma vez que durante esse processo a Amazônia apresentou uma série de contradições. Entre elas está o fato de que, ao mesmo tempo em que os governantes do Estado do Pará faziam propaganda para a vinda de migrantes para desenvolver o setor agrícola, devido ao aceleramento da economia gomífera, como também para dar o lustro da civilização, uma grande parcela desses imigrantes terminava se estabelecendo na cidade e, para sobreviver, recorriam ao trabalho informal nas ruas da capital, transformando-se em mais um problema para os administradores (LACERDA; SARGES, 2009). Em resumo, fica evidente que, no ímpeto de modernizar e com isso apresentar-se ao mundo como uma sociedade ilustrada, as autoridades executaram de forma equivocada a política de migração o que levou a sociedade paraense da virada dos séculos a um constante embate entre a ordem e a desordem, a “barbárie” e o civilizado.

Por outro lado, em paralelo com sua avaliação acerca da inabilidade dos governantes diante da política migratória, a autora expressa uma leitura bastante singular dos cearenses. Nela propõe desconstruir a visão corrente presente na literatura sobre esse grupo, que ao se cristalizar na figura do seringueiro, produziu um personagem típico do imaginário nacional: passivo, solitário e inculto, cujo espírito aventureiro terminava por levá-lo à “servidão” nos barracões dos seringalistas. Os dados que analisa, longe dessa representação, demonstram que os cearenses, mesmo assolados pelas contínuas secas que ocorreram no Ceará nas últimas décadas do século XIX e

diante do imaginário ufanista criado na época sobre a fartura na Amazônia, também escolhiam essa região para satisfazer objetivos pessoais e familiares, como melhorar de vida e fazer fortuna. A pesquisa revela ainda que esse processo migratório de forma nenhuma foi construído apenas por homens, mas por grande número de famílias, muitas vezes chefiadas por mulheres ou até mesmo por mulheres que migravam sozinhas.

De certo modo, a condição *sine qua non* para que essa proposta de interpretação torne-se relevante do ponto de vista historiográfico está na principal qualidade do trabalho: a disciplina metodológica no uso das fontes documentais. Uma vez que busca nelas inspiração para suas interpretações, Lacerda não se intimida na análise de suas fontes. O potencial desse empreendimento está no fato de que os mínimos detalhes da vida cotidiana se transformam em um rico arsenal de compreensão dos contextos social e psicológico dos indivíduos. Desse modo, o uso da farta documentação oficial, como relatórios, ofícios, mensagens, ocorrências policiais e pronunciamentos emitidos pelas autoridades públicas se aliam ao uso intensivo de noticiários jornalísticos, que ocupam em seu trabalho um lugar privilegiado. Por meio deles, conseguimos perceber a complexidade das muitas relações sociais dos migrantes na medida em que, para além da figura de pobres vítimas da seca, como não raro o migrante é representado, tem-se homens, mulheres e crianças dando rumo próprio a suas vidas, mesmo que isso nem sempre correspondesse aos seus anseios de uma vida melhor. Há, todavia, o devido entendimento de que o uso de tais fontes não encerra em si o sentido do contexto analisado, transcendendo-se a ele por meio de sua análise do universo social e mental da época, suas idiossincrasias, seus jogos de poder e suas lógicas que reinavam nas relações entre o discurso que relatórios e jornais apresentavam e a realidade vivida pelos indivíduos. Um exemplo disso está na abordagem da fonte jornalística quando a autora adverte que seu uso não pode ser feito sem antes compreender os antagonismos políticos existentes entre os editores do jornal **Folha do Norte**, financiados e ideologicamente influenciados pela ala pró Lauro Sodré, e os correligionários de Antônio Lemos, que se reuniam em torno das ideias presentes no jornal **A Tarde**.

A análise da autora acerca das representações sobre a natureza envolvida no contexto migratório também é de grande relevância.. Uma passagem em particular chama atenção: trata-se da morte de Mariano José de Souza, um entre muitos migrantes que se aventuraram pelo Oceano Atlântico em busca da sorte. Tal como descrita por Lacerda, a morte desse homem, além de comover, revela a *via crucis* do migrante em sua transição para um mundo desconhecido cuja leitura (e talvez experiência), a partir

do olhar desses indivíduos, demonstra haver mais que interesses econômicos, muitos sentimentos envolvidos. Logo, enquanto o Pará e, por assim dizer a floresta, eram vistos como um paraíso, uma terra prometida, a seca e o sertão presente no Ceará, se traduziam em miséria, dor e impotência. O acervo documental apresentado pela autora demonstra, assim, que a experiência do migrante diante da ambiguidade dessas naturezas terminaram por produzir um sujeito deslocado do mundo, chegando com vontade de partir, sempre na esperança de que uma nova chuva na terra natal o convidasse a voltar.

É em si um trabalho de fôlego que sustenta a ideia de que na fase de maior fluxo migratório na região amazônica, o deslocamento de cearenses para o Pará não significou apenas uma transição condicionada por fatores climáticos, mas se inseriu num contexto de profundas transformações políticas e econômicas. Entre elas estavam os governos provinciais que, de um lado, reclamavam da falta de mão-de-obra, e de outro, via na migração uma alternativa para, nos períodos da seca, livrar-se de uma parcela da população que, sem ocupação, acarretava gastos e problemas de ordem social para as cidades. De outro lado estava o ideário republicano que estimulava a migração para a Amazônia na intenção de ocupá-la, a fim de levar a cabo seu projeto civilizatório. E, por fim, estavam os interesses privados, que ao integrar a Amazônia, em especial Belém, ao circuito do capitalismo internacional a partir da segunda metade do século XIX, dependiam da mobilização de homens para o trabalho de extração de sua matéria-prima. Lacerda demonstra, portanto, que o cenário da migração envolvia projetos específicos, seja porque atendia a interesses públicos ou porque se inseria no pragmatismo do sistema capitalista que começava a ser, de fato, incorporado à Amazônia.

### **Considerações finais**

Os livros de Marília Emmi, Cristina Cancela e Franciane Lacerda analisadas neste trabalho oferecem ao leitor um rico aprendizado acerca da migração para a Amazônia na virada para o Século XX. Tendo como principal objetivo a ocupação da região para fins comerciais, tanto italianos, como portugueses e cearenses contribuíram significativamente para o desenvolvimento econômico e cultural observado na região. Esses grupos se deslocaram, principalmente, para as colônias agrícolas, as cidades e, por último, os seringais.

Com base nos dados disponibilizados pelas autoras, é possível dar conta da

ocorrência de fluxos migratórios com características singulares. Portugueses e italianos foram a mão-de-obra privilegiada pois, em razão da experiência com técnicas agrícolas mais modernas nas suas regiões de origem, tinham a preferência na ocupação das colônias agrícolas. Da mesma forma eram os mais indicados para o trabalho no beneficiamento dos produtos extraídos da floresta. Em contrapartida, os cearenses, por mais que tenham se tornado a maioria do contingente que migrou para a região, ocuparam as camadas mais rasas da sociedade. Seu destino era principalmente os seringais.

Além de possuírem características particulares, os fluxos migratórios que trouxeram esses grupos revelaram a ocorrência de heterogeneidades, sobretudo entre os europeus. Assim, a existência de divisões intragrupos e origens sociais distintas foi trazida na bagagem quando da reorganização social no local de destino.

Podemos concluir que o principal legado deixado pelo trabalho de pesquisa de Emmi, Cancela e Lacerda está na contribuição à reflexão sobre a diversidade de sujeitos presentes no contexto migratório, assim como na revisão das motivações que levaram milhares de indivíduos a migrarem para a região amazônica.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Zuleika. **Brava gente**: os italianos em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Italianos no Brasil: o que dizem os censos? In: CASTIGLIONI, Aurélia (Org.). **Imigração italiana no Espírito Santo**: uma aventura colonizadora. Vitória: UFES, 1998.

BASSANEZZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: Patarra, Neide Lopes (Org.). **Emigração e imigração no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FUNUAP, 1, 1996. p. 1-7.

BOURDIEU, Pierre. Da regra as estratégias. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 77-95.

BOURDIEU, Pierre. Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. **Annales**, Paris, v. 4-5, n. 27, p. 1105-1127, 1972.

BRASIL. **Recenseamento Geral de 1920**. Rio de Janeiro: IBGE, 1920.

CANCELA, Cristina Donza. **A imigração portuguesa no Pará**. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

CANCELA, Cristina Donza. **Adoráveis e dissimuladas**: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 1997.

CANCELA, Cristina Donza; BARROSO, Daniel Souza Casamentos portugueses em uma capital da Amazônia: perfil demográfico, normas e redes sociais (Belém, 1891-1920). **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 15, n. 1, p. 60-70, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/962/165>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém – 1870-1920)**. 2006. 343 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2006.

CANCELA, Cristina Donza; SARGES, Maria de Nazaré; SOUSA, Fernando; et al (Org.). **Entre Mares**: o Brasil dos portugueses. Belém: Paka-Tatu, 2010.

CANCELA, Cristina Donza. Famílias de elite: transformação da riqueza e alianças matrimoniais. Belém, 1870-1920. **Topoi: Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 24-38, 2009. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numero\\_atual/topoi18/topoi\\_18\\_-\\_artigo\\_3\\_-\\_familias\\_de\\_elite\\_corrigido.pdf](http://www.revistatopoi.org/numero_atual/topoi18/topoi_18_-_artigo_3_-_familias_de_elite_corrigido.pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2012.

CASTIGLIONI, Aurélia; EMMI, Marília Ferreira. Análise comparativa da imigração italiana dirigida para Espírito Santo e para a Amazônia durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, v. 2, n. 47E, p. 1-23, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2725/2605>>. Acesso em: 26 maio 2015.

CASTIGLIONI, Aurélia; COLBARI, Antônia. Imigrantes italianos no Espírito Santo: da colonização no século XIX ao cenário urbano-industrial do presente. In: ACHIAMÉ, Fernando; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). **O reino conquistado**: estudos em homenagem a Renato Pacheco. vol. 1. Vitória: IHGES, 2003. p. 31-66.

DURHAN, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1984.

EMMI, Marília Ferreira. Fluxos migratórios internacionais para a Amazônia brasileira do final do século XIX ao início do século XX: O caso dos italianos. In: Aragón, Luis. (Org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, 2009.

EMMI, Marília Ferreira. **Italianos na Amazônia (1870-1950)**: pioneirismo econômico e identidade. Belém: NAEA, 2008.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KLEIN, Herbert. Migração internacional na história da América. In: BORIS, Fausto (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000.

LACERDA, Franciane Gama. “Reclamações do Povo”. Luta por direitos na cidade, seringais e núcleos coloniais da Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). **Projeto História**, São Paulo, n. 33, p. 63-82, dez. 2006a. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/artigo\\_02.pdf](http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/artigo_02.pdf)>. Acesso em: 03 jun. 2015.

LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 197-225, jan./jun. 2006b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/10.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açaí, 2010.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. In: **Projeto História**, PUCSP, v. 38, p. 161–178, 2009.

MARTINE, George. Os dados censitários sobre migrações internas: evolução e utilização. In: ABEP. **Censo, Consenso e contrassensos**. III Seminário Metodológico dos Censos Demográficos (ABEP), Ouro Preto, 1984. p. 183-211.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a09.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

OSÓRIO, Carlos. Migrações recentes e desigualdades. **Anais do I Encontro Nacional da ABEP**, Campos do Jordão/São Paulo, 1978. p. 603-619.

PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de emigração (1850 a 1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

PORTELA, José; NOBRE, Silvia. Entre Pinela e Paris: emigração e regressos. **Análise Social**, Lisboa, v. XXXVI, n. 161, p. 1105-1146, 2001. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218730566F1dKD5ir2Eq54EP0.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WENSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec, 1993.